

A LINGUAGEM FÍLMICA COMO FERRAMENTA MEDIADORA DO DEBATE SOBRE A INCLUSÃO SOCIAL DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

David de Abreu Alves

Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGG / Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Contato: davidabreu.cz@hotmail.com

Resumo: Na contemporaneidade vivenciada pela sociedade, os discursos sobre inclusão e os seus diversos aspectos e vieses são frequentes em diversos espaços. Mas, isso não implica dizer que o desejo e o entendimento dos direitos inclusivos estão sendo respeitados, compreendidos e efetivados, existe muito a ser debatido. Não se trata apenas de discursar e determinar políticas para incluir o negro, o quilombola, o indígena, o deficiente, e outras minorias; ou até mesmo para incluir tecnologicamente, e/ou lutar por mudanças nos sistemas educacionais, é necessário ir mais além. Dentro dos espaços escolares, conscientizar todos os sujeitos ali presentes por meio de qualquer ferramenta é algo importante e que pode ser feito. Tomando isso como base, este artigo apresenta parte de um processo de conscientização realizado em turmas do 1º Ano do Ensino Médio no Colégio e Curso Definição, localizado no município de Cajazeiras-PB. Tal processo está relacionado às potencialidades que podem ser alcançadas pelos Deficientes Visuais no âmbito social, e a ferramenta utilizada para introduzir tais questões é a linguagem fílmica, sendo esta uma linguagem bastante usual no meio dos jovens e adolescentes. O filme, mesmo com tendências fictícias, acaba nos fazendo pensar sobre diversas questões, mesmo algumas consideradas impossíveis na realidade atual. O som, a imagem, as histórias que são contadas, muitas vezes, despertam o interesse por compreender os processos ali mediados, e nessa perspectiva buscamos valorizar as potencialidades dos deficientes visuais. O filme utilizado foi o “Hoje quero voltar sozinho” lançado em 2014, filme brasileiro que relata a rotina de um Deficiente Visual em meio a uma fase de descobrimentos pessoais. Nesse primeiro momento da pesquisa busca-se determinar quantitativamente os alunos que acreditam na inclusão social de alunos DV’s, e qualitativamente o posicionamento sobre a temática, utilizando um questionário simples. Tais atividades iniciais desenvolvidas na instituição de ensino mencionada fazem parte de uma pesquisa que se encontra em andamento, com o objetivo maior de destacar as atividades inclusivas relacionadas à Deficiência Visual mediadas na instituição e posteriormente, se possível, a aplicação de atividades de intervenção.

Palavras-Chave: Inclusão, Deficiência Visual, Recursos Tecnológicos, Linguagem Fílmica.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, as tendências inclusivas ganham espaço e integram uma série de mudanças, que partem da Escola como instituição integradora cada vez mais preocupada com as questões sociais. Dentro da gama de seguimentos possíveis atreladas ao termo inclusão está à inclusão de pessoas com necessidades especiais. No caso exato para essa composição textual, a inclusão de Deficientes Visuais (DV’S).



Antes de qualquer outra consideração, torna-se importante deixar claro que incluir não é apenas ceder matrículas e locar alunos com deficiência dentro das escolas e/ou em salas de aula, salientando que hoje isso é um direito garantido por lei. Incluir é possibilitar e oportunizar meios para o desenvolvimento de tais sujeitos, evoluindo do ponto de vista prático e teórico, capacitando profissionais envolvidos no processo educacional, desconstruindo preconceitos e paradigmas. Tendo sempre como finalidade a preparação dos alunos para o meio social.

No contexto social, as pessoas chamadas de deficientes percorrem um caminho árduo rumo o acesso de direitos, de permanência na escola, de melhores condições de mobilidade e etc. Cada pequena conquista é valorizada, e hoje em dia a defesa da chamada inclusão parte das escolas e de muitas políticas públicas que surgem nesse seguimento. Compreender todo este processo não cabe aqui, mas é de suma importância ter uma noção histórica, que no caso dos deficientes não foi nada fácil, e sim conflitante.

Não é novidade na sociedade a existência de pessoas que apresentem déficits sensoriais e físicos, que durante longos anos da história apresentaram-se segregados e vistos com maus olhos por aqueles que se diziam normais. Essas dificuldades, no passado (na Idade Média, por exemplo), eram notadas durante o momento do trabalho. Sempre existiram barreiras para as pessoas com deficiência conviverem no meio social, e como já mencionado, é na educação a busca para derrubar tais barreiras.

Nesse caso, efetua-se uma pesquisa com um tipo de deficiência que por si só já apresenta suas particularidades, o enfoque é Deficiência Visual, sendo esta:

uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente. Pode ocorrer desde o nascimento (cegueira congênita), ou posteriormente (cegueira adventícia, usualmente conhecida como adquirida) em decorrência de causas orgânicas ou acidentais. (SÁ, Elizabet Dias; CAMPOS, Izilda Maria; SILVA, Myriam Beatriz Campolina, 2007 p.15).

As pessoas com Deficiência Visual por não apresentarem a capacidade de enxergar, acabam sendo excluídas de diversos espaços, até mesmo na escola, por encontrarem-se em principio dependentes da colaboração das demais pessoas. Mas, através do uso de ferramentas como as tecnologias e recursos adaptados, esses sujeitos podem desenvolver habilidades, antes restritas, que são comuns a todas as pessoas.

A tecnologia é uma ferramenta facilitadora da vida de pessoas com deficiência, principalmente as pessoas com Deficiência Visual. Deste modo, tendo as tecnologias como marco





dessa modernidade (mas resultado de uma evolução do conhecimento científico¹) busca-se utiliza-la para inserir novas concepções nos espaços escolares, concepções ligadas a inclusão.

Nos últimos anos as tecnologias vêm invadindo os espaços de interação social, estando presentes em diversos locais com as mais variadas propostas. Dentro das instituições escolares, não é diferente, visto que os recursos audiovisuais cada vez mais despertam a atenção dos alunos e passam a ser aplicados no cotidiano escolar dentro das metodologias de cada proposta de ensino.

Estamos inseridos em uma sociedade onde grande parcela da população participa ativamente da globalização, assim como de toda integração e inovação que a mesma proporciona, ou seja, vivemos um mundo globalizado, de modo que o uso de tecnologias é realizado por muitas pessoas que antes viam o mundo apenas nas leituras de revistas em quadrinhos, ou na TV. “Os avanços tecnológicos ocasionaram rápidas transformações na maneira da sociedade se relacionar com a tecnologia, [...] presente nos diferentes lugares do cotidiano das pessoas”. (FRIGOTTO; HOEPERS; MUTERLLE, 2011, p. 2354).

“O terceiro milênio é a era das tecnologias, e nessa sociedade capitalista, a qual vivemos, a mídia passou a ocupar um espaço significativo na sociedade” (GONÇALVES; GONÇALVES, 2010 p.01). Uma rede de inúmeras informações dispostas com muita facilidade está presente não só no dia a dia das pessoas, mas nos espaços que as mesmas se encontram, a transitar e fixar-se por períodos de tempo variados, isso implica dizer que esses espaços também necessitam acompanhar essa evolução.

Perrenoud declara que “as crianças nascem em uma cultura em que se clica e o dever dos professores é inserir-se no universo de seus alunos. [...] Se a escola ministra um ensino que, aparentemente não é mais útil para uso externo, ocorre um risco de desqualificação”, por isso a evolução deve ser acompanhada. (PERRENOUD, 2000)

Nessa perspectiva, temos, então, a escola como um dos espaços onde o uso de recursos tecnológicos é mais evidenciado, pois quase todos os alunos têm em mãos, hoje, um celular com acesso a internet, através das redes sociais, e em alguns casos, até o uso de notebooks e tablets passam a ser comum. Mas, dentro das escolas, muitas vezes ocorre um descompasso, pois nem sempre os domínios das tecnologias passam a ser realizado por todos os componentes da instituição,

1 Podemos conceber tecnologia “como um conhecimento prático derivado direta e exclusivamente do desenvolvimento do conhecimento teórico científico através de processos progressivos e acumulativos, onde teorias cada vez mais amplas substituem as anteriores. Nessa perspectiva a tecnologia é um conhecimento prático (pelo menos desde o final do século XIX) derivado diretamente da ciência, do conhecimento teórico” (VERASZTO et al., 2008, p.67).





o que se sabe é que muitos alunos dominam esses recursos que, muitas vezes, são desconhecidos ou inacessíveis para professores e demais funcionários das instituições escolares.

Além disso, é fato que o jovem da atual geração gosta de ouvir canções, ver trabalhos audiovisuais, evidenciar expressões artísticas, sejam elas: corporais ou plásticas, em que a construção do conhecimento pode ser praticada com facilidade e um engajamento por parte dos alunos. Nesse sentido, a interação é uma característica desse tipo de jovem que, cada vez mais, adentra ao mundo virtual e busca a descoberta de sensações sobre si mesmo e sobre o outro.

Os recursos audiovisuais partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo. Mexem com o corpo, com a pele – tocam-nos e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do Zoom, do som envolvente. Nos recursos audiovisuais, sentimos, experimentamos, temos sensações sobre o outro, sobre o mundo, sobre nós mesmos. (FERREIRA, 2010 p.23)

A sonoridade e as formas de expressão são recursos que devem ser explorados dentro das salas de aula, de forma conjunta, considerando toda a pluralidade de informações que as mesmas podem transmitir ao aluno, propiciando a ele a construção de suas próprias concepções. Sendo assim, tais recursos apresentam um caráter motivacional e estimulam a reprodução do que é contextualizado de forma bastante simples, simulando novas situações, ou apenas ilustrando a realidade evidenciada.

Nesse sentido, essa mudança metodológica permitida pelas mudanças do contexto social, econômico e cultural das pessoas, passa a quebrar a rotina de dentro das salas de aula, introduzindo novas linguagens e formas de ver os conteúdos disciplinares, inclusive tornando o processo de ensino mais compartilhado entre os alunos.

Sendo assim, é importante destacar que durante muitos anos a educação pautou-se em uma composição de leituras e transcrição de produções textuais que, frequentemente, deixavam os alunos apáticos em determinadas situações e que não incluíam o Deficiente Visual. Diante essa realidade, muitos são os discursos de alunos descrevendo as aulas como monótonas e cansativas, pelo fato da leitura ser um único meio a informação, desprezando outras sonoridades e outras visões.

Gonçalves (2010, p.01) diz que:

Diante dessa e de outras circunstâncias, os professores têm que investir na sua carreira docente, para quebrar essas barreiras, criando então um fio condutor de suas aulas com o mundo globalizado, com divergentes tecnologias interativas, através de uma prática pedagógica que possibilite aprendizagens significativas. Assim sendo, entendemos que os educadores precisam instituir uma boa ligação





com a mídia a fim de construir um espaço educativo a partir de novos meios de comunicação, novas dinâmicas que estimulem o aluno a pensar. (GONÇALVES; GONÇALVES, 2010 p.01)

Os professores necessitam possuir a técnica do uso desses recursos dos novos tempos, para que junto a esses, os mesmos construam metodologias dinâmicas e contemporâneas, sem subestimar a curiosidade do aluno em investigar e de pensar, atraindo assim os alunos para os seus direcionamentos teóricos, facilitando a aprendizagem, sobretudo a construção do conhecimento.

Dentre os recursos audiovisuais mais chamativos e que despertam a curiosidade dos alunos para seus desfechos e enredos estão os filmes. “Acredita-se que, a utilização do cinema na sala de aula, possibilita inovação na prática de ensino e aprendizagem, tornando, muitas vezes, explicações mais atraentes para os alunos” (OLIVEIRA, 2011 p.3).

Além disso, a utilização de filmes em sala de aula é uma adequação a realidade atual da sociedade, que passa a evidenciar o cinema com maior frequência, visto que o que antes era de acesso a poucos, devido o seu alto custo, hoje apresenta maior acesso, devido à introdução das tecnologias audiovisuais. Assim, “o cinema nos possibilita lazer e diversão, mas também acesso a informações e cenários, a um baixo custo, e de forma rápida. Embora de maneira superficial, e muitas das vezes tendenciosa”. (PEREIRA, 2009)

A diversidade das produções cinematográficas traz para a área da geografia uma série de possibilidades e abordagens, pois, ao professor, cabe a condução e adequação desses filmes ao tema e objetivação na aula.

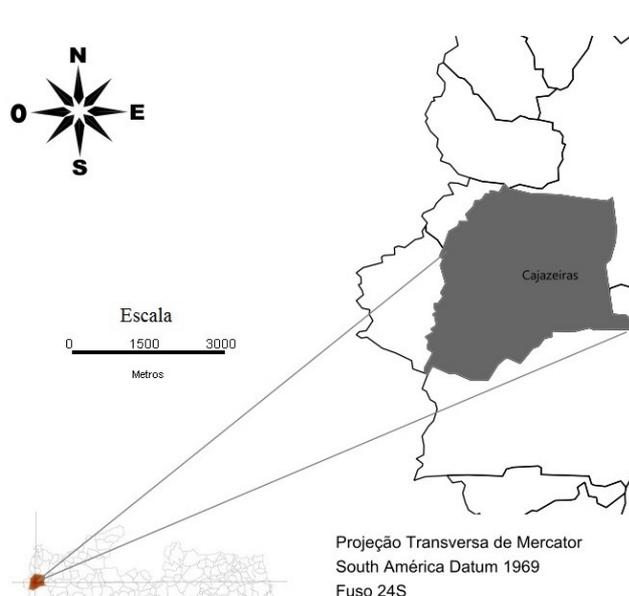
“Cinema, série televisiva, documentário, tudo isso na cabeça dos alunos significa descanso, e não “aula”, o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso”. Mas o professor por ser o mediador dentro da sala de aula - entre o conhecimento científico e o conhecimento prévio - deve tomar cuidado e não decair ao erro do mau uso desses recursos (FERREIRA, 2010 p.23).

Exposto as considerações introdutórias, esse artigo busca relatar o posicionamento de alunos do 1º Ano do Ensino Médio do Colégio e Curso Definição, no que diz respeito às possibilidades de desenvolvimento e convívio social de pessoas com Deficiência Visual, utilizando como abordagem a tecnologia audiovisual da linguagem fílmica, tendo como longa metragem o filme “Hoje quero voltar sozinho”.

O Colégio e Curso Definição localiza-se no município de Cajazeiras, tal município é situado na mesorregião do Sertão Paraibano e a microrregião de Cajazeiras. Localiza-se às margens da BR-230, a 497 km da capital, no extremo oeste da Paraíba, nas coordenadas geográficas: entre os



paralelos 6°47' e 6°54' de latitude Sul e entre os meridianos 38°32' e 38°38' de longitude Oeste de Greenwich, ocupando uma área de 565,899 km². (IBGE, 2011) (Ver mapa de localização).



Fonte: Alves, 2014, p. 47.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com 70 alunos, divididos em duas turmas de 1º Ano do Ensino Médio. Estes 70 alunos (40 mulheres e 30 homens) encontram-se em uma faixa etária de idade dos 14 aos 17.

Por estar sendo realizada em salas diferenciadas essa atividade de pesquisa durou dois dias, três aulas para realização da pesquisa na turma A, em uma segunda feira do dia 23/05/2016; e três aulas para realização da pesquisa na turma B, em uma terça feira do dia 24/05/2016. Tomou-se o cuidado para que as atividades realizadas na turma A não fossem de conhecimento da turma B, para que não houvesse interferências.

Inicialmente os alunos tiveram que responder um questionário com duas indagações básicas, indagações estas que nos forneceram dados quantitativos (1º pergunta do questionário) e qualitativos (2º pergunta do questionário). As indagações presentes no questionário foram:

- É possível um Deficiente Visual viver em sociedade, ir à escola, pegar ônibus, passear no parque, fazer coisas aos quais denominamos normais?
- Como você imagina a rotina de um Deficiente Visual?

Após terem respondido tais indagações (Perguntas e respostas foram redigidas a punho pelos próprios estudantes), foi o momento de apreciação do filme “Hoje Quero Voltar Sozinho”, filme brasileiro lançado em 10 de Abril de 2014. Classificado como filme de drama e romance, o



filme discute o dia a dia de um deficiente visual (Leonardo, personagem principal) e as descobertas da adolescência. Apresenta direção e roteiro de Daniel Ribeiro, que agrega à vida do personagem Leonardo (Ghilherme Lobo) a parceria com mais dois amigos, a Giovana (Tess Amorim) e Gabriel (Fabio Audi).



Fonte: Google Imagens

O filme foi escolhido para mediar às considerações em defesa da inserção dos Deficientes Visuais no meio social, para mostrar aos alunos que adolescentes (e qualquer pessoa), independente de qualquer limitação, passam por momentos de dúvidas no que diz respeito ao debate de gênero, conflitos familiares, grupos de amizades, problemas no meio escolar e etc.

Após a exibição, os alunos tiveram que responder novamente as perguntas anteriores. Em seguida, brevemente uma roda de conversa foi organizada para o debate sobre as principais temáticas abordadas pelo filme, e o posicionamento dos mesmos.

Essa roda de conversa apresentou um modelo semelhante ao de um grupo focal, sendo este, um grupo de discussão “informal”, mas que resultam em informações qualitativamente proveitosas para as pesquisas na área de ciências sociais e humanas. Não apresenta grandes custos para sua execução, e pode durar o tempo que o pesquisador acreditar que colheu informações suficientes. (BACKES, 2011)

Essa técnica de pesquisa muitas vezes acaba revelando informações que podem fugir do esperado, abrindo espaço para novos questionamentos de pesquisa. Alguns autores definem que um grupo entre 6 a 12 pessoas em cada sessão de grupo focal é o ideal. Esses sujeitos que participam do grupo muitas vezes são agrupados por apresentarem algo em comum.

Geralmente o pesquisador atua como moderador do debate e não pode ser tendencioso. O ideal é que durante a aplicação ou sessão do grupo focal, existam pessoas que captem o áudio ou faça anotações dos principais acontecimentos que ocorrem no ambiente de debate. Os assuntos abordados podem variar de acordo com as temáticas de pesquisa.



ALGUNS RESULTADOS

O gráfico a seguir (GRÁFICO 01) é um demonstrativo quantitativo da abordagem inicial realizada com os alunos, sem antes mesmo se quer realizar algum comentário sobre inclusão de Deficientes Visuais ou até mesmo discutir sobre a existência desse debate no meio escolar.

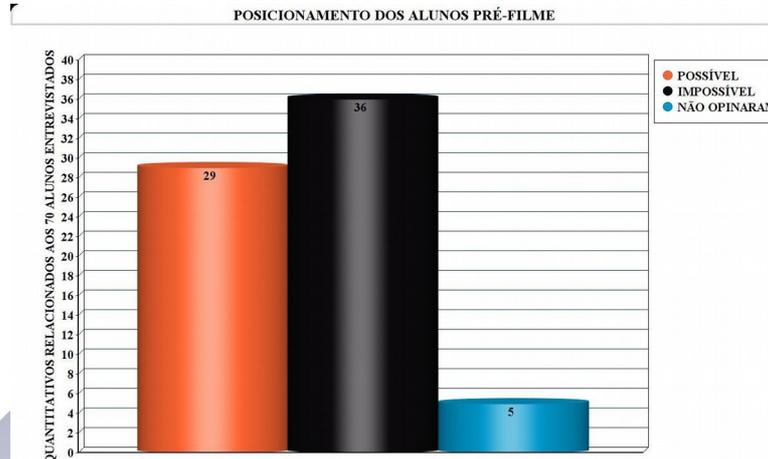


Gráfico 01 - Produzido pelo autor.

Na primeira abordagem realizada com os alunos, o resultado apontou um número alto de alunos que não acreditam na possibilidade de inclusão social por parte dos Deficientes Visuais, dos setenta alunos entrevistados mais da metade relataram ser impossível o Deficiente Visual incluir-se socialmente.

Mesmo com um número alto de alunos que se mostraram pessimistas com relação aos questionamentos, algumas respostas apresentam destaque por já apresentarem um nível de conscientização acima dos demais. Um dos alunos chegou a fazer a seguinte colocação: “Sim, um deficiente visual pode ter uma rotina normal, ele vai à escola, anda na rua, e também sente atração sexual, esta poder ser tanto por homem como para mulher. Vivemos em uma sociedade preconceituosa e temos que acabar com isso. Cego não é morto!”.

Do mesmo percentual de entrevistados verificou-se que alguns deles não souberam opinar sobre o assunto. Levantou-se nesse momento uma hipótese relacionada ao debate de inclusão dentro da escola: Será que número alto de alunos que opinam ser IMPOSSÍVEL e os que NÃO OPINARAM está relacionado à falta de informação?

Baseado nessa linha de pensamento foi realizado a exposição do filme para observar se haveria mudanças de posicionamento. E o resultado exposto no gráfico (GRÁFICO 02) a seguir mostra que após a vinculação do filme o número do grupo do IMPOSSÍVEL decresce consideravelmente, dando espaço para o crescimento do grupo que acredita na inclusão dos Deficientes Visuais. Notou-se nesse momento que dos cinco alunos que se encontravam sem posicionamento, apenas dois permaneceram sem opinar.



POSICIONAMENTO DOS ALUNOS PÓS-FILME

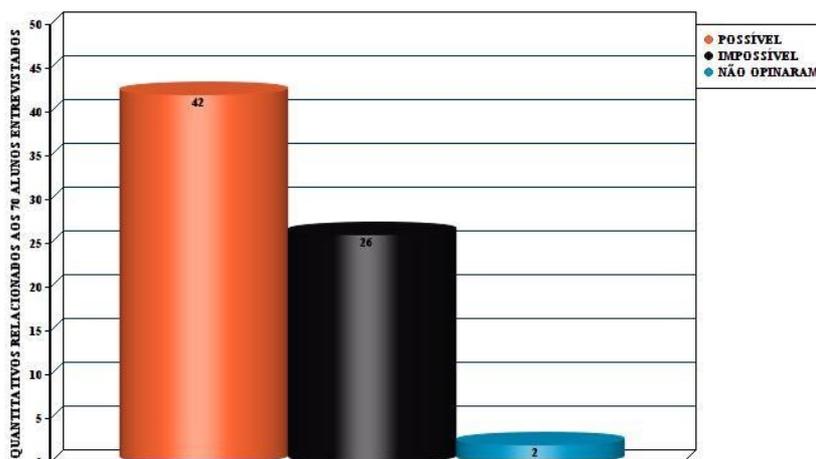
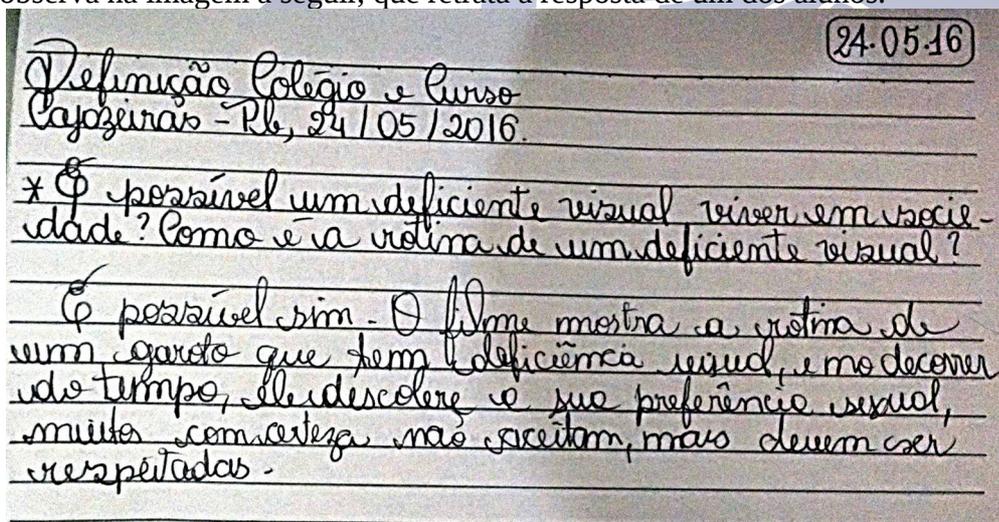


figura 02 - Produzido pelo autor.

Após a exibição do filme observou-se que os alunos conseguiram responder os questionamentos com propriedade, algumas respostas cresceram em termos de argumentos como se observa na imagem a seguir, que retrata a resposta de um dos alunos.



Fonte: Registro do autor.

Em um terceiro momento de pesquisa realizou-se a roda de conversa em formato de grupo focal, e neste momento procurou-se ouvir o que os alunos tinham a dizer sobre a temática de inclusão, sobre o filme e seus momentos. Durante esse momento foi exposto aos alunos o porquê do uso de tal linguagem, da escolha do filme, e feitas considerações sobre a temática central da pesquisa. Observe a tabela a seguir que apresenta os principais temas abordados nessa etapa e as principais colocações (positivas e negativas) sobre eles:

TEMAS	PRINCIPAL DISCURSO APRESENTADA NO GRUPO
Problemas familiares	“Existe uma superproteção dos pais e isso pode atrapalhar”.

Descoberta da sexualidade	“É estranho observar que ele é homem, cego, e está se descobrindo gay”.
Bullying	“O bullying já é difícil para quem não tem deficiência, imagine para aqueles que têm uma”.
Rotina diária	“Toda pessoa tem problemas no dia a dia, mas se organizar existe a possibilidade de ter uma rotina normal”.
Independência	“Não consigo pensar até que ponto essa independência realmente venha a existir, se é que ela existe”.
Preconceito	“As pessoas devem pensar em amar e ajudar o próximo, não serem tão egoístas e individuais. Fazer o bem atrai o bem”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como os momentos descritos nesse texto fazem parte de abordagens iniciais de uma pesquisa que se encontra em desenvolvimento, e que tem como principal objetivo defender e potencializar as possibilidades de desenvolvimento social dos Deficientes Visuais, toda e qualquer consideração é parcial e provisória. Mas, até aqui se observou que a temática era desconhecida para alguns, e que algumas opiniões já formadas perpassam por tendências preconceituosas.

Existem também aqueles mais atentos com a valorização das diferenças, que apresentam colocações positivas sobre o Deficiente Visual e seu desenvolvimento, colocando-os como normais e capazes de realizar as mesmas funções dos ditos normais, como deve ser pensado.

Com relação ao uso da ferramenta tecnológica audiovisual, ficou evidente que a sua mediação pode modificar posicionamentos, mesmo que esses posicionamentos não fossem totalmente verídicos (para o caso do aluno querer se adequar positivamente a pesquisa), ao menos pode fazê-lo pensar de uma forma menos preconceituosa e mais inclusiva.

REFERENCIAS

- ALVES, David de Abreu. **A geografia escolar e a educação inclusiva na escola estadual Dom Moisés Coelho, município de Cajazeiras - PB**. Monografia apresentada para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. UFCG/CFP. Cajazeiras, PB, 2014.
- BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, v. 35, n. 4, p. 438-42, 2011.
- FUSARI, José Cerchi. A linguagem do cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor. **Cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor. Caderno de Cinema do Professor: dois**. São Paulo: FDE, p. 32-45, 2009.

FERREIRA, Eurico Costa. **O uso de audiovisuais como recursos didáticos.** In: Dissertação (stricto sensu) Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História e Geografia, 2010.

FRIGOTTO; HOEPERS; MUTERLLE. A linguagem fílmica nas aulas de geografia. In: X Congresso Nacional de Educação, 2011, Curitiba. **Anais.** Curitiba, 2011 p. 2352-2362.

GONÇALVES, Naly da Silva; GONÇALVES, Francisco. A Utilização de Recursos Audiovisuais nas Aulas de Geografia. In: **V CONNEPI-2010.** 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos municípios brasileiros 2011.** Disponível: <http://www.ibge.gov.br/munic2006/sel_tema.php?munic=250370&uf=25&nome=cajazeiras>. Acesso em: 09 out. 2015.

LEITE, Nildes R. Pitombo; LEITE, Fábio Pitombo. A linguagem fílmica na formação e no fortalecimento de grupos, equipes e times de trabalho. **REGE. Revista de Gestão**, v. 17, n. 1, p. 75, 2010.

OLIVEIRA, Denis Raimundo de. **O uso do cinema nas aulas de geografia: Proposta de estudo da região nordeste.** Jijoca de Jericoacoara – Ceara, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar.** Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000. 179 p

PEREIRA, Luiz Antônio de Sousa. Os filmes, documentários e desenhos e o ensino da geografia. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia – ENPEG. Porto Alegre, 2009. **Anais.** Porto Alegre, UFRGS, 2009.

SÁ, Elizabet Dias; CAMPOS, Izilda Maria; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Inclusão escolar de alunos cegos e com baixa visão.** SEESP/SEED/MEC, Brasília-DF–2007. Disponível em <portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/defmental.pdf>. Acesso em 10 de novembro, 2014.

VERASZTO, Estéfano Vizconde et al. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Revista Prisma.com.** n. 7, 2008.